



OBJETIFICAÇÃO E SAÚDE MENTAL

Ana Maria Bercht¹
Angelo Brandelli Costa²

Resumo

Este ensaio tem como objetivo resgatar brevemente o conceito de objetificação sexual, mostrando sua atuação nos processos de subjetivação na contemporaneidade dentro de uma sociedade neoliberal, de base imagética, permeada por hierarquias como a de sexo/gênero e raça/etnia. Serão apresentadas algumas das possíveis consequências para a saúde mental do ser mulher em contextos permeados pela objetificação. Isto será feito a partir de estudos da área da psicologia feminista que privilegiam fatores históricos e sócio-políticos no entendimento de fenômenos psicológicos e na conceituação das experiências dos sujeitos. Não há a pretensão de esgotar o debate e sim abrir caminhos para a utilização do conceito na psicologia brasileira e em outras áreas.

Palavras-chave: Objetificação sexual. Saúde mental. Gênero.

Objetificação é um conceito central nas teorias feministas. Para além de um conceito teórico, discutido também por grandes nomes da filosofia como Kant, a objetificação pode ser analisada empiricamente. Isto foi feito, em especial, por áreas da psicologia feminista norte-americana, enquanto variável causadora de sofrimento psicológico e contribuinte para processos de adoecimento que acometem meninas e mulheres mais frequentemente do que meninos e homens, como por exemplo, os transtornos alimentares. Apesar da centralidade da categoria, poucos foram os trabalhos brasileiros com os quais me deparei, em meus estudos sobre objetificação, que a nomeavam desta forma e a entendiam dentro de uma perspectiva crítica de gênero.


Gênero

Antes de adentrar na formulação do que constitui a objetificação sexual é necessário expor o que está sendo entendido por gênero neste trabalho, já que trata-se de um conceito em disputa por diversos campos teóricos. De acordo com Colling (2004a), gênero é a categoria utilizada para refletir a respeito dos papéis sexuais atribuídos socialmente as pessoas. Fala-se

¹ Mestre em Psicologia Social, Programa de Pós Graduação em Psicologia da PUCRS, a.bercht@gmail.com.

² Doutor em Psicologia, Programa de Pós Graduação em Psicologia da PUCRS, angelobrandellicosta@gmail.com.





em gênero por se entender que as características nomeadas como femininas e masculinas não possuem uma natureza biologicamente determinada e são provenientes de uma engenharia social e política correspondente a estratégias de poder. Em uma perspectiva foucaultiana da exclusão enquanto exercício de poder, Colling (2004a) ressalta que a oposição criada entre masculino e feminino restringe os papéis a serem exercidos, segregando indivíduos a determinadas posições. No caso das mulheres, os locais onde as potencialidades femininas seriam realizáveis frequentemente são colocados como sendo o lar, a domesticidade e a família, dentro de uma perspectiva heteronormativa e focada no cuidado do outro. Indo além, é necessário notar que os mecanismos de poder não atuam apenas de maneira repressiva, através da imposição de limites dos espaços que podem ser ocupados, mas também de formas constitutivas. Para Bordo (1997, p. 21):


Particularmente no reino da feminidade, onde tanta coisa depende da aparentemente voluntária aceitação de várias normas e práticas, necessitamos de uma análise do poder "a partir de baixo", como Foucault o coloca (1978:94); por exemplo, os mecanismos que moldam e multiplicam os desejos, em vez de reprimi-los, que geram e direcionam nossas energias, que constroem nossas concepções de normalidade e desvio.

Corpo, Objetificação Sexual e Saúde Mental

Conforme Colling (2004b) os corpos das mulheres sempre tiveram pouco de nós mesmas e muito das expectativas externas, em especial as relativas aos desejos e imaginários masculinos. Isto se torna ainda mais relevante quando entendemos a heterossexualidade não apenas como uma orientação sexual mas como uma instituição política que funciona também organizando e mantendo os papéis de gênero. Não é a toa que Fredrickson e Roberts (1997) iniciam o artigo que inaugura o que as autoras convencionaram como "teoria da objetificação" afirmando que a cultura está saturada de heterossexualidade. Citam a psicanalista Karen Horney que há mais de 75 anos atrás já apontou para “o direito socialmente sancionado que todos os homens possuem de sexualizar todas as mulheres, independente de idade ou status” (*apud* FREDRICKSON; ROBERTS, 1997, p. 175).

De maneira crua podemos afirmar que a objetificação consiste em ver e/ou tratar uma pessoa como um objeto (PAPADAKI, 2010). Já a objetificação sexual relaciona-se mais diretamente com sexualização compulsiva indicada por Horney, tendo sido definida por Bartky (1990) como sendo quando o corpo de uma pessoa (rotineiramente de uma mulher), partes deste corpo ou suas funções sexuais são separadas dela enquanto sujeito, reduzidos ao status de meros instrumentos para uso sexual do outro ou ainda quando vistos como capazes de representá-la como um todo.

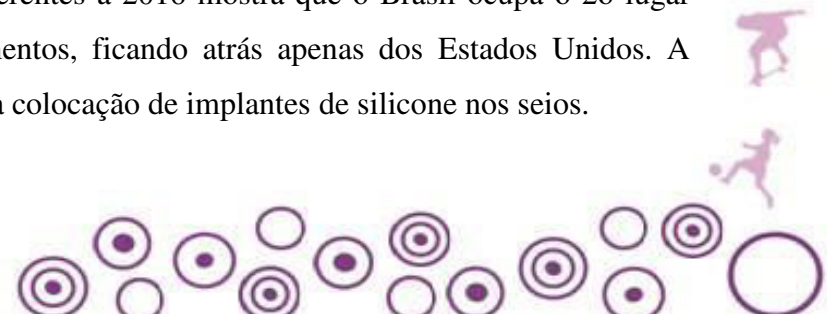





Esta forma de objetificação é ampla e se apresenta de diversas maneiras, desde violência sexual propriamente dita á outras formas menos perceptíveis e reconhecidas como violentas, como por exemplo a representação objetificada de mulheres em propagandas e na mídia em geral. Bordo (1997) expressa que com a criação do cinema e da televisão, as normas da feminilidade passaram cada vez mais a serem transmitidas culturalmente através de imagens visuais padronizadas. A autora discute que inúmeros estudos mostram que na atualidade, mais do que em qualquer outro período, as mulheres estão gastando mais tempo no tratamento e disciplina dos seus corpos, numa busca por aperfeiçoamento que apesar de cansativa é também interminável. A cultura visualmente orientada e a preocupação com a aparência, para a autora, segue afetando as mulheres de maneira mais significativa que os homens. Os corpos das mulheres estão sujeitos ao controle externo e as mulheres se distraem de outros propósitos para centrarem suas energias, dinheiro e tempo na auto-modificação. Para Littlfield (2008), a mídia transformou as formas pelas quais nos comunicamos enquanto sociedade e facilitou a transmissão de determinadas ideias em um contexto global, estrategicamente moldando a realidade através do controle das imagens que são veiculadas.

Wolf (1992) indica que assim como a mulher vitoriana era reduzida ao seu papel reprodutivo, a mulher atual é reduzida à beleza e o valor estético é colocado a ela como sendo um bem sagrado que deverá ser constantemente protegido. Ademais, dentro de uma estrutura neoliberal que prega a meritocracia e que conta com indústrias extremamente lucrativas voltadas para o mercado da aparência e da auto-modificação, a beleza acaba por transformar-se em uma ética onde seu oposto, a feiúra (composta de tudo que foge do padrão hegemônico), é vista como falta de esforço, desleixo e um problema de caráter pois o indivíduo não estaria sendo "a melhor versão" de si que poderia ser. Para Greer (1999) mesmo que uma mulher esteja em conformidade extrema com os padrões de beleza ela possivelmente ainda assim achará falhas em seu corpo, nunca sendo bela o suficiente, inundada pela reprodução de imagens irreais de supermodelos até que estas “se tornem mais conhecidas que as feições de sua própria mãe” (p. 29). Greer (1999) acredita que “a preocupação com a aparência chega em certo aspecto a arruinar parte de todos os dias de uma mulher” (p. 32).

Um indicador indireto a respeito da objetificação sexual pode ser observado nos dados sobre cirurgias plásticas. A International Society of Aesthetic Plastic Surgery (ISAPS) em seu relatório global de 2017 com dados referentes á 2016 mostra que o Brasil ocupa o 2o lugar mundial na realização destes procedimentos, ficando atrás apenas dos Estados Unidos. A cirurgia mais realizada em nosso país é a colocação de implantes de silicone nos seios.



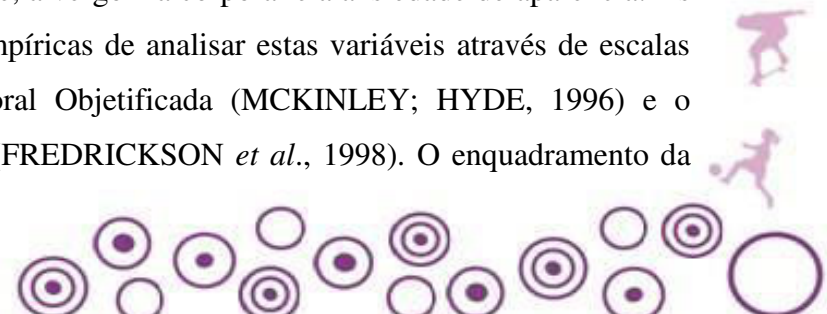



De acordo com a teoria da objetificação (FREDRICKSON; ROBERTS, 1997) o tratamento objetificado e os contextos objetificantes teriam como um de seus efeitos mais agudos o convencimento de meninas e mulheres a adotarem uma visão de si (Self) que as leva, em algum nível, a tratar elas mesmas como objetos para serem olhados e avaliados. Esta ideia de objetificação do Self, quando analisada em crianças, pode ir de encontro com o conceito de pedofilização do corpo na infância desenvolvido por Jane Felipe (2006). Segundo a autora:

Ao disponibilizarmos determinadas imagens das meninas não estamos construindo apenas um modo de representá-las direcionadas somente para os homens, mas também para as próprias meninas e adolescentes, que vão sendo subjetivadas por essas pedagogias da sexualidade. Elas aprendem que para serem desejadas, amadas, valorizadas, precisam se comportar de determinada forma, que o poder das mulheres está constantemente referido e atrelado à sua capacidade de sedução, que passa por um belo corpo e a utilização deste como performático. (FELIPE, 2006, p. 221).

De fato, em uma pesquisa realizada no Rio Grande do Sul com 325 meninas de 11 a 14 anos, 75.8% delas relatou insatisfação corporal e 61.5% tinham o desejo de perder peso, sendo que nas meninas que desejavam ter um corpo mais magro foi constatada maior propensão a apresentar sintomas de transtornos alimentares (SCHERER *et al.*, 2010). Em outro estudo feito no estado (POLTRONIERI *et al.*, 2016), este com 187 mulheres adultas de 18 a 59 anos, 45.9% delas relatou insatisfação corporal e 17.1% apresentou sintomatologia de transtornos alimentares. As elevadas prevalências de insatisfação com a imagem corporal e a relação desta variável com o desenvolvimento de sintomatologia para transtornos alimentares revelam as interferências culturais nos processos de adoecimento. É necessário quebrar a tradição que diversas áreas das ciências possuem, a psicologia inclusa, de procurar por fatores internos e individuais para explicar os fenômenos. De acordo com Bordo (1993) Susie Orbach, em 1983, foi uma das primeiras profissionais a discorrer sobre a internalização de padrões socioculturais de beleza e feminilidade e sua relação com os transtornos alimentares, entendendo que seriam extremos de um contínuo de sofrimento feminino normativo em que as mulheres se encontram estando expostas, em algum nível, às demandas da feminilidade onde aprendem a alimentar e corresponder aos outros e não à si.

Além da objetificação do Self, Fredrickson e Roberts (1997) e também McKinley e Hyde (1996) esmiuçaram outros microcomponentes psicológicos ligados a objetificação como o auto-monitoramento corporal constante, a vergonha corporal e a ansiedade de aparência. As autoras ainda desenvolveram formas empíricas de analisar estas variáveis através de escalas como a Escala de Consciência Corporal Objetificada (MCKINLEY; HYDE, 1996) e o Questionário de Objetificação do Self (FREDRICKSON *et al.*, 1998). O enquadramento da



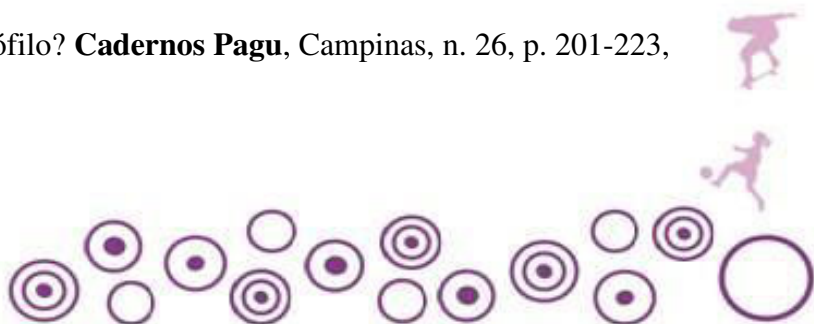


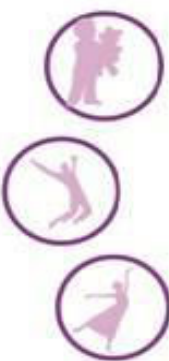
teoria da objetificação para explicar, ao menos parcialmente, as diferenças de gênero no acometimento de transtornos como os alimentares, a depressão, as disfunções sexuais e outros que atingem comumente mais mulheres do que homens, já foi testado e utilizado em diversos países desde sua criação, mostrando-se um modelo válido e que pode ser ampliado (MORADI; HUANG, 2008). Como os padrões estéticos e exigências mudam de cultura para cultura, é necessário mais do que simplesmente transportar o enquadramento teórico, atentando para as diferenças contextuais. Na China, por exemplo, a insatisfação com a altura em adolescentes e jovens é proeminente e foi recentemente analisada utilizando a teoria (SUN, 2017). Aliada com teorias do feminismo negro, a teoria da objetificação também já foi incorporada para compreender as experiências de objetificação de mulheres negras norte-americanas (WATSON *et al.*, 2012), visto que a objetificação sexual irá assumir outros contornos quando analisada pelas lentes pós-coloniais, observando os efeitos da época escravagista que repercutem na atualidade e nas vivências de pessoas negras.

Os construtos teóricos e as formas de avaliação empíricas que derivaram da teoria da objetificação podem auxiliar a compreender a realidade brasileira de mulheres e outros grupos, e os possíveis prejuízos para a saúde mental que advém de contextos objetificantes.

Referências

- BARTKY, S. L. **Femininity and domination: studies in the phenomenology of oppression.** New York: Routledge, 1990.
- BORDO, S.R. O corpo e a reprodução da feminidade: *uma* apropriação feminista de Foucault. *In: BORDO, SR; JAGGAR, A.M. Gênero, Corpo e Conhecimento.* Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 1997.
- BORDO, S.R. **Unbearable Weight: Feminism, Western Culture and the Body.** Los Angeles: University of California Press, 1993.
- COLLING, A. M. A Construção Histórica do Feminino e do Masculino. *In: STREY, M. N.; CABEDA, S.; PREHN, D. (Org.). Gênero e Cultura: questões contemporâneas.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004a.
- COLLING, A. M. O corpo que os gregos inventaram. *In: STREY, M. N.; CABEDA, S.; PREHN, D. (Org.). Corpos e Subjetividades em Exercício Interdisciplinar.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004b.
- FELIPE, J. Afinal, quem é mesmo o pedófilo? **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p. 201-223, 2006.





FREDRICKSON, B. L.; ROBERTS, T. Objectification theory: toward understanding women's lived experiences and mental health risks. **Psychology of Women Quarterly**, 21, jun., p. 173-206, 1997

GREER, G. **A mulher inteira**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

INTERNATIONAL SOCIETY OF AESTHETIC PLASTIC SURGERY (ISAPS). **Pesquisa global da ISAPS**. New York: ISAPS, 2017 Disponível em: <<https://www.isaps.org/wp-content/uploads/2017/10/GlobalStatistics.PressRelease2016-1.pdf> > Acesso em: 30 maio 2018.

LITTLEFIELD, M.B. The media as system of racialization: exploring images of african american women and the new racism. **American Behavioral Scientist**, v. 51, n. 5, jan., p. 675-685, 2008.

MCKINLEY, N.M.; HYDE, J.S. The Objectified Body Consciousness Scale: development and validation. **Psychology of Women Quarterly**, n. 20, jun., p. 181-215, 1996.

MORADI, B.; HUANG, Y.P. Objectification Theory and Psychology of Women: a decade of advances and future directions. **Psychology of Women Quarterly**, n. 32, p. 377-398, 2008.

FREDRICKSON, B. L. *et al.* That Swimsuit Becomes You: Sex Differences in Self-Objectification, Restrained Eating, and Math Performance. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 75, n. 1, p. 269-84, 1998.

PAPADAKI, E. **Feminist Perspectives on Objectification**. The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Winter Edition), Edward N. Zalta (ed.), 2015.

POLTRONIERI, T. S. *et al.* Insatisfação com a imagem corporal e fatores associados em mulheres do sul do Brasil. **Ciência e Saúde**, v. 9, n. 3, p. 128-134, set./dez., 2016.

SCHERER, F.C *et al.* Imagem corporal em adolescentes: associação com a maturação sexual e sintomas de transtornos alimentares. **J. bras. psiquiatr.**, Rio de Janeiro , v. 59, n. 3, p. 198-202, 2010 .

SUN, Q. Q. Predictors of stature concerns among young Chinese women and men. **Frontiers in Psychology**, 20 jul., 2017.

WATSON, L. B *et al.* African American Women's Sexual Objectification Experiences: a qualitative study. **Psychology of Women Quarterly**, n. 36, p. 458-475, 2012.

WOLF, N. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

